

FILOSOFIA, CIÊNCIA MODERNA E REDUCIONISMO ONTOLÓGICO

PHILOSOPHY, MODERN SCIENCE AND ONTOLOGICAL REDUCTIONISM

Marco Antônio Correia Bomfim¹

RESUMO

O artigo aqui apresentado é fruto de discussões em salas de aula e procura refletir questões introdutórias ao curso de Filosofia jurídica, mais especificamente acerca da filosofia, ciência moderna e o rebaixamento ontológico tão presente nestas atividades em período moderno-hodierno. A perspectiva aqui apresentada transita em sua circunscrição histórico-civilizacional: cultura, ética, valores, filosofia, ciência e direito. Tal colocação do tema na ordem dos estudos propostos antecede as investigações acerca de questões ontológicas, gnoseológicas e a fundamentação do direito enquanto ciência (ontognoseologia jurídica). Naquilo que ele exige enquanto demarcação objetiva na ordem do ser (fato-valor-norma) e as possibilidades de rebaixamentos ontológicos em sua atualização enquanto práxis (ideologias).

Palavras-chave: Filosofia; ciência moderna; ideologias; reducionismo ontológico.

ABSTRACT

The article presented here is the result of discussions in classrooms and seeks to reflect introductory issues to the course of Legal Philosophy, more specifically about philosophy, modern science and the ontological demotion so present in these activities in modern-modern period. The perspective presented here passes through its historical-civilizational circumscription: culture, ethics, values, philosophy, science and law. This placement of the theme in the order of the proposed studies precedes the investigations on ontological, gnoseological issues and the foundation of law as science (legal ontognoseology). In what it requires as objective demarcation in the order of being (fact-value-norm) and the possibilities of ontological demotions in its updating as praxis (ideologies).

Keywords: Philosophy. Modern science. Ideologies. Ontological reductionism

A FILOSOFIA ENQUANTO BUSCA DE INTELIGIR O REAL E DIZER O SER DOS ENTES

A filosofia em sua originariedade é a busca de captar e dizer a unidade do real enquanto uma ciência da realidade/totalidade do ser das coisas². Aqui se faz necessário

¹ Marco Antônio Correia Bomfim é graduado em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Especialista em Filosofia Contemporânea pela Universidade Estadual de Santa Cruz e Mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz. É professor da Faculdade de Ilhéus-Cesupi cursos de Direito e Psicologia. E-mail: bomfimmarco@yahoo.com.br

² Toda a filosofia clássica (Sócrates, Platão, Aristóteles...) procura dizer, apresentar a Filosofia como uma busca aleiteia = descoberta da verdade para, no ordenamento da existência alcançar a sabedoria. Ou seja, como um conhecimento da realidade que almeja demonstrar a verdade a partir de uma existência que na busca constante pela ciência dos entes capta, compreende aspectos do ser destes e ordena o existir que almeja o Bem, a felicidade.

ressaltar que para o Filósofo que alcança aspectos elementares acerca do ser da realidade (ontognoseologia), a linguagem como morada do ser apresenta não somente estrutura lógico-racional dos entes, mas também nuances, perspectivas, qualidades, enfim, ela apresenta distinções categoriais, fenomênicas, existenciais acerca do ser (Aristóteles). Como diz o filósofo Franz Rosenzweig (judeu de origem germânica) “A linguagem é mais do que sangue”.

Portanto, estilos e modalidades, signos e significados, categorizações e singularidades ontológicas que almejam tornar clarividente a complexidade que o conhecer implica no nível da linguagem para tentar criativamente nomear o ser, representá-lo simbolicamente, comunicá-lo discursivamente, apresentá-lo estilisticamente, confrontar as diversas perspectivas de dizê-lo e finalmente tentar demonstrá-lo enquanto logos analítico que intenta coerir no nível do discurso aquilo que é intuído fenomenicamente na ordem do ser-existir (filosofia e ciência).

Importante aqui ter a devida compreensão da ordem do ser e do conhecer. O ser é! Mesmo nas suas nuances hierárquicas do existir. Enquanto o conhecer depende de aspectos e técnicas intelectuais, educação e aprimoramento dos aparatos perceptivos, subjetivos de apreensão do ser assim como da credibilidade acerca do dizê-lo. Neste sentido o problema acerca da realidade e verdade do ser parece ter sido bem compreendido por Aristóteles e está implícito em toda a sua filosofia.

ARISTÓTELES E A TEORIA DOS QUATRO DISCURSOS ENQUANTO ESTRUTURA DO SABER OCIDENTAL

Como nos diz o Olavo de Carvalho em sua obra *Aristóteles em nova perspectiva: introdução à teoria dos quatro discursos* (2006, p. 14, 25 e 26),

Meu problema [...] era saber se existe ou não uma unidade dos quatro discursos na lógica de Aristóteles e se dela podemos aproveitar alguma coisa para a nossa busca atual de um saber interdisciplinar. Há embutida nas obras de Aristóteles uma idéia medular, que escapou à percepção de quase todos os seus leitores e comentaristas, da Antiguidade até hoje. [...] No entanto, ela é a chave mesma dessa compreensão, se por compreensão se entende o ato de captar a unidade do pensamento de um homem desde suas próprias intenções e valores, em vez de julgá-lo de fora; ato que implica respeitar cuidadosamente o inexpresso e o subentendido, em vez de sufocá-lo na idolatria do “texto” coisificado, tumulto do pensamento.

O olhar e a perspicácia filosófica desenvolvida nesta pequena, todavia original obra, procura demonstrar³ que esta teoria está subentendida em toda a estrutura interna da obra de Aristóteles. Resumidamente pode-se dizer que o discurso humano é uma potência única, mas que se atualiza de formas, modos, maneiras diferentes: poética, retórica, dialética e analítica ou lógica.

O discurso poético trata do possível (*dínatos*) e se dirige à imaginação, representação (*eikasia*) tendo como objetivo uma impressão. Enquanto o discurso retórico trata do verossímil e almeja a produção de uma crença vigorosa (*pístis*) que vise persuadir (*peitho*) e tornar o outro membro desta crença comum em oposição àquela ou qualquer outra crença.

Já o discurso dialético ultrapassa o nível da sugestão, persuasão ou imposição. Ele trata de submeter todos os discursos, crenças à prova por meio de ensaios e erros, experiências, objeções, confrontações de hipóteses procurando por meio de exigências racionais superiores e checagem das informações (*peirástica*).

Por fim, o discurso analítico ou lógico que parte das premissas admitidas como certas e alcança por meio do encadeamento silogístico a demonstração correta (*apodêixis*= prova indestrutível) da veracidade das conclusões.

Com a estruturação destes discursos pode-se perceber que há um nível, uma escala de credibilidade apresentado pelos mesmos: possível ou possibilidade, verossímil ou verossimilhança, provável ou probabilidade e certo ou verdadeiro.

Então nos diz Olavo de Carvalho (2006, p. 37),

Possibilidade, verossimilhança, probabilidade razoável e certeza apodictica são, pois, os conceitos-chave sobre os quais se erguem as quatro ciências respectivas: a Poética estuda os meios pelos quais o discurso poético abre à imaginação o reino do possível; a Retórica, os meios pelos quais o discurso retórico induz a vontade do ouvinte admitir uma crença; a Dialética, aqueles pelos quais o discurso dialético averigua a razoabilidade das crenças admitidas, e, finalmente, a Lógica ou Analítica estuda os meios da demonstração apodíctica, ou certeza científica. Ora, aí os quatro conceitos básicos são relativos uns aos outros: não se concebe o verossímil fora do possível, nem este sem confronto razoável, e assim por diante. [...] as quatro ciências são inseparáveis; tomadas isoladamente, não fazem nenhum sentido. O que define e diferencia não são os quatro conjuntos isoláveis de caracteres formais, porém quatro motivos humanos para falar e ouvir: o homem discursa para abrir a imaginação à imensidade do possível, para tomar alguma

³ Como diz Olavo de Carvalho “esta teoria não é uma teoria minha, mas de Aristóteles! Que eu desencavei de dentro da filosofia de Aristóteles [...] o intuito então é possibilitar ao público a devida compreensão da obra de Aristóteles e a tradição de toda herança aristotélica até hoje [...].

resolução prática, para examinar criticamente, ou para explorar as consequências e prolongamentos de juízos já admitidos como absolutamente verdadeiros, construindo com eles o edifício do saber científico. Um discurso é lógico ou dialético, poético ou retórico, não em si mesmo e por sua mera estrutura interna, mas pelo objetivo que tende em seu conjunto, pelo propósito humano que visa a realizar. Daí que os quatro sejam distinguíveis, mas não isoláveis: cada um deles só é o que é quando considerado no contexto da cultura, como expressão de intuítos humanos. [...]

Ou seja, a teoria dos quatro discursos não somente está implícita na filosofia de Aristóteles (início, meio e fim) como faz parte e está na estrutura de todo o saber ocidental, uma vez que o método científico é a dialética de Aristóteles somando a noção da experimentação moderna (a atividade científica é a confrontação de hipóteses).

A MENTALIDADE GNÓSTICO-REVOLUCIONÁRIA MODERNA

Com a modernidade intenta-se o início de uma nova guinada onto-lógica, nela veremos uma mentalidade que se arvora totalmente nova (uma civilização material) que se apresenta como uma desconstrução gnóstica da tradição ocidental erigida pela Igreja Católica apresentando tal período como “Idade das trevas”, pois período retrógrado e bárbaro dominado por indivíduos ignorantes e perpetradores de mitos e credices. Logo, época lastreada por um fundamento onto-teológico que deve ser rompido e, portanto, reconstruído. Assim a filosofia moderna intenta construir as bases para o conhecer-viver de uma nova civilização que calcada nesta nova ciência irá alcançar o progresso.

No entanto, os forjadores desta nova civilização (intelectuais modernos, humanistas, iluministas etc.) parecem esquecer que no milênio anterior designado por Idade Média a Igreja Católica (monges, santos) desempenharam um hercúleo, disciplinado e obstinado trabalho durante a “noite bárbara” que ameaçou a destruição da cultura greco-romana. A cultura da alta inteligência só foi possível, enquanto sobrevivência e propagação dela por causa do trabalho dos monges copistas que viviam enclausurados nos mosteiros doando os seus tempos invioláveis ao trabalho de estudo, transcrição, etc. dos livros e línguas antigas⁴. Aquilo que se designa como novo, a modernidade é parte integrante da originalidade deste logo ocidental que chamamos de filosofia, teologia, ciência (*stricto e lato sensu*).

⁴ Historiadores de todas as tendências reconhecem sem nenhum problema e de forma objetiva o papel desempenhado pela Igreja Católica como baluarte da cultura. Alguns nomes: Daniel-Rops, Johan Huizinga, Charles Norris Cochrane, Jacques Le Goff, Regine Pernoud, Christopher Dawson etc.

Entre as características da mentalidade que constitui essa nova época automeada por moderna (em contraposição à antiga e média) está a tendência a reduzir tudo ao ponto de vista quantitativo (“matematização”⁵ de todas as coisas). Tal tendência ganhou vigor no século XX com a ascensão das ideologias materialistas gnóstico-revolucionárias e a exacerbação do cientificismo (ideologia da ciência) chegando ao ápice de pretender explicar aspectos da organização social e política via metodologia estatística, apresentação de números, comparações estatísticas etc. (cientificismo enquanto mito da ciência)⁶.

Não trataremos aqui da ciência (estrutura lógico-formal, nem tampouco metodologia científica), mas iremos situá-la dentro de uma perspectiva onde ela está inserida e de certo modo circunscrita na sociedade hodierna (vulgarização e reducionismo da ciência aos ditames ideológicos). Fenômeno este tão bem analisado pelos filósofos Edmund Husserl e Eric Voegelin em suas respectivas obras e vidas acadêmicas.

Na introdução à *Edmund Husserl contra o psicologismo*, Olavo de Carvalho apresenta uma característica marcante do filósofo e homem de ciência mesmo e apesar de toda a adversidade reinante em meio à cultura hodierna (2020, p. 13-14),

O que mais nos surpreende na biografia de Husserl é que de 1933 a 1938, com a Alemanha já sob o domínio nazista, ele, que era judeu, continuasse imperturbavelmente o seu trabalho filosófico, produzindo nesses anos alguns de seus trabalhos mais importantes, sem emitir jamais uma queixa, uma lamúria, inteiramente dedicado à uma única coisa necessária – o amor à sabedoria. Muitos alemães notáveis, judeus ou não, então se espalharam pelo mundo, representando no Exterior a sobrevivência do espírito alemão aviltado no interior pela tirania. Muitos obtiveram em outros países a glória merecida: Thomas Mann, Einstein, Eric Weil. Eric Voegelin... Mas Husserl, que permaneceu e sofreu calado, foi o maior de todos. [...]

Quando me pergunto como os nervos desse homem não cederam ante o pavor reinante, só encontro uma resposta: ele era talvez o único, em todo o mundo, que compreendia realmente o que estava acontecendo. Ele sabia que o século XX tinha raízes profundas, de ordem espiritual e intelectual que escapavam à maioria dos observadores. Essas raízes fincavam-se no solo da crise intelectual inaugurada a partir do Renascimento, quando as ciências foram perdendo sua inspiração originária de saber apodítico, para se contentarem cada vez mais com artifícios técnicos e o deslumbramento de resultados práticos sem fundamentação intelectual suficiente. [...]

⁵ A palavra encontra-se aspeada para tentar designar a diferenciação entre a compreensão acerca da matemática apresentada pelo filósofo Pitágoras e a idéia desta concebida a partir da modernidade.

⁶ Aqui se faz importante dizer que a ciência enquanto uma dimensão da atividade humana do conhecer – portanto, capaz de conhecimento real mesmo que parcial da realidade – não deve ser confundida com a crença cientificista. Preocupação apresentada pelo filósofo tomista G-G Granger em *A Ciência e as ciências*. Assim como reducionismos ideológicos, preocupação apresentada pelo filósofo Edmund Husserl em *Investigações lógicas* e, *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*.

Edmund Husserl⁷ tinha a exata compreensão do processo de derruição que vinha sofrendo o pensamento, Tradição ocidental. Aqui se faz importante salientar que para o filósofo a ciência é parte integrante da origem e do destino da humanidade europeia. Daí ele refletir em sua obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* (escrita no período de ascensão do nazismo) acerca da crise das ciências europeias enquanto algo muito mais abrangente e profundo que uma crise epistemológica, pois uma verdadeira crise espiritual e existencial da Europa. Na primeira parte desta obra “A crise das ciências como expressão da crise radical da vida humana europeia”, Husserl apresenta uma crítica à redução positivista da ideia de ciência (2012, p. 3)

Partimos de uma inversão da apreciação geral a respeito das ciências, surgida na viragem do século passado. [...] A exclusividade com que, na segunda metade do século XIX, toda a visão de mundo do homem moderno se deixou determinar pelas ciências positivas, e cegar pela “prosperity” a elas devida, significou virar as costas indiferente às questões que são decisivas para a humanidade genuína. Meras ciências de fatos não fazem meros homens de fatos. A inversão da apreciação pública era inevitável, em particular depois da guerra, e, na geração mais jovem, como sabemos, tornou-se pouco a pouco uma disposição hostil. Na urgência da nossa vida – ouvimos – esta ciência nada nos tem a dizer. Ela exclui de um modo inicial justamente as questões que, para os homens os nossos desafortunados tempos, abandonados às mais fatídicas revoluções, são as questões prementes: as questões acerca do sentido ou ausência de sentido de toda esta existência humana. Não exigem elas, na sua universalidade e necessidade para todos os homens, um estudo universal e a sua resposta também a partir de uma intelecção racional? Tais questões dizem respeito, afinal, ao homem, como alguém que se decide livremente na sua relação com o mundo circundante humano e extra-humano, enquanto livre nas suas possibilidades de se configurar racionalmente, a si e ao seu mundo circundante. Que tem a dizer a ciência sobre a razão e a não razão, que tem ela a dizer sobre nós, homens, enquanto sujeitos desta liberdade? A mera ciência dos corpos obviamente nada, pois abstrai de tudo o que é subjetivo. Mas, por outro lado, no que concerne às ciências do espírito que, em todas as suas disciplinas particulares e gerais, consideram o homem na sua existência espiritual, ou seja, no horizonte da sua historicidade, a sua cientificidade rigorosa – diz-se – exige que o investigador exclua cuidadosamente todas as tomadas de posição valorativas, todas as questões acerca da razão e da não razão da humanidade temática e das suas configurações culturais. A verdade científica, objetiva, é exclusivamente a verificação daquilo que o mundo, de fato, é, tanto o mundo físico como o espiritual. Mas pode o mundo, a existência humana nele, ter na verdade um sentido, se as ciências só admitirem como verdadeiro aquilo que é deste modo objetivamente verificável, se a história não tiver mais nada a ensinar senão que todas as figuras do mundo espiritual, todos os

⁷ Filósofo alemão, matemático e criador da escola da fenomenologia.

vínculos de vida que a cada passo mantém o homem, os ideais, as normas, se formam e voltam a se dissolver como ondas fugazes, que sempre assim foi e será, que a razão terá de se tornar o sem-sentido, a benfeitoria, uma praga? Será que podemos nos satisfazer com isso, será que podemos viver neste mundo, cujo acontecer histórico não é outra coisa senão um encadeamento interminável de ímpetos ilusórios e amargas decepções?

Para Husserl, a humanidade não encontrará o seu solo real e verdadeiro fora do ideal filosófico do entendimento na e pela razão. Tal crise das ciências europeias (civilização como um todo) que transforma e submete o pensar e a atividade científica a formalismos, técnicas cegas se deve à perda de tal solo. Assim, a ciência reduzida à técnica tem uma funcionalidade de máquina que submete, expropria e aniquila com qualquer fonte de vitalidade.

O que significa dizer num sentido mais amplificado, uma crise da humanidade na medida que a crescente disseminação da cultura europeia (cientifização, tendência à modernização) abrangia todas as demais culturas. Tal crise era vista como um longo processo historial, uma longa demissão da inteligência (processo de traição ao projeto grego de busca da sabedoria) pelos modernos ante as seduções e sussurros do reino deste mundo material dominado pela técnica. E o século XX vivenciou o resultado macabro desta história nas experiências singulares dos regimes totalitários (comunismo, fascismo, nazismo), cujas ideologias abarcavam uma cosmovisão que seria possível implementar a partir do domínio da técnica, tecnologia e reengenharia da sociedade via racionalidade tecno-científica.

A CIÊNCIA MODERNA ENTRE A MENTALIDADE MITOCIENTÍFICA E OS REDUCIONISMOS IDEOLÓGICOS

A ciência por um bom período na modernidade esteve atrelada a uma concepção mecanicista newtoniana⁸ do mundo, onde a idéia do universo estava fundada em causas e efeitos, governada por leis invariáveis e rigorosas, comuns ao micro e macrocosmo (saber sistêmico, experimental, controlável...). Em tempos hodiernos a ciência perde o seu caráter de saber fechado, determinístico, “absoluto”. E, ao contrário do que fora

⁸ Wolfgang Smith (Físico, Dr. em Matemática e filósofo da ciência norte americano. Professor da Universidade de Columbia – foi professor do MIT em Massachusetts e da Universidade da Califórnia) em sua obra *Ciência e mito: com uma resposta a O Grande Projeto de Stephen Hawking*, nos diz no primeiro capítulo desta que a ciência também se baseia em “mitos” (conhecidos como “paradigmas”) e que há três mitos vigentes na atualidade: o newtoniano, o darwiniano e o copernicano.

pensado e explicitado ela ganhou um status de complexidade e indeterminação onde se passou a admitir a possibilidade de acasos, incertezas etc.

Como nos diz Wolfgang Smith em *Ciência e mito: com uma resposta a O Grande Projeto de Stephen Hawking* (2014, 21),

Ciência, de acordo com a sabedoria vigente, constitui a exata antítese do mito. Como disse Albert Einstein, [...] ela lida com ‘o que existe’; supostamente, portanto, mito tem a ver com ‘o que não existe’. Acontece, no entanto, que a questão não é tão simples assim. Em primeiro lugar, ocorre que a ciência não se refere pura e simplesmente ‘ao que existe’: mesmo no caso da Física [...], ela se refere, no fim das contas, não à natureza como tal, mas à resposta, da parte da natureza, às estratégias dos físicos experimentais, o que se trata totalmente de outra coisa. Obviamente isso não era compreendido nos tempos newtonianos – e até hoje raramente é admitido em nossas escolas e universidades; porém, é a própria física, na forma de teoria quântica, quem desqualifica nossa visão costumeira do que é que a física traz a luz.

Deste modo, com todas essas mudanças ocorridas no cenário principal da “*constituição dos saberes científicos*”. O que se pode perceber é que a ciência de certa forma se reaproxima de seu momento originário⁹ (saber filosófico) na medida em que se apresenta como um saber não mais detentor das “*verdades*”, mas um saber que domina validades e que está sempre sendo retificada. E continua Wolfgang Smith (2014, p. 40),

A tenacidade e o fervor com os quais os paradigmas vigentes da ciência são defendidos, mesmo diante de dados claramente hostis, sugerem que, também aí, um elemento ideológico pode estar em jogo. A ciência não é realmente a empreitada puramente racional e “desinteressada” que finge ser; ela não é, afinal, praticada por computadores, mas por homens. [...]

Não só acontecimentos de ordem intrínsecos ao campo do saber científico, como outros fatores de ordem política, econômica passaram a exercer uma influência maior e cada vez mais decisiva no *quê* do fazer científico. Hodiernamente, dentro de uma nova ordem econômica e política a pesquisa científica tornou-se subordinada a finalidades e interesses dos patrocinadores. Passando desta forma a ciência, a ser departamento de órgãos de segurança nacional, segredo industrial, monopólio dos grandes conglomerados econômicos e/ou governos que financiam as pesquisas.

⁹ Na obra *A sabedoria da antiga cosmologia*, Wolfgang Smith argumenta que a transição cosmológica Tradicional para a contemporânea causou atrofiamento ontológico de proporções incalculáveis (horizonte de consciência). Ele mostra como a cosmologia contemporânea atribui ao universo uma magnitude espaço-temporal que desorienta a imaginação em virtude de sua mera imensidão quantitativa. E diz o mesmo que o universo espaço-temporal constitui uma carapaça apenas, da inteireza do cosmos concebido pela cosmologia Tradicional.

Concomitante a tudo isso há ainda outro fator debilitante da ciência, o qual é o mercado de trabalho e suas exigências específicas de formatar profissionais para suprir todo o seu contingente que acaba suprimindo, estigmatizando ou impondo uma perspectiva grosseiramente reducionista a certas disciplinas, cursos que não possuem caráter “utilitarista, pragmático, funcional¹⁰”.

Não obstante, tais saberes “inúteis” se apresentam como essencialmente necessários para uma formação intelectual superior mais abrangente, portanto, capaz de formar não somente o ser humano para manipular conceitos e aplicá-los devidamente na realidade concreta diferenciando-os hierarquicamente. Compreender, diferenciar, hierarquizar e estabelecer devidamente valores em atos concretos unificando regras gerais em situações específicas (consciência, senso de hierarquia e habilidade prática). Enfim, ensinamentos que ao longo de milênios (Tradição) mostraram-se capazes de formar tipos humanos mais virtuosos. Formação esta que, almeja que compreendam a realidade e acima de tudo ordenem suas vidas em meio às adversidades¹¹, ou seja, uma Paidéia que educa para a totalidade do ser humano e não, uma educação que busca formatar indivíduos para o desempenho de papéis sociais e/ou ativismos políticos.

A FILOSOFIA CLÁSSICA ENQUANTO UM SABER-VIVER EM OPOSIÇÃO AO CONHECER-MANIPULAR

Na Grécia clássica, Sócrates protagonizou a célebre querela contra os sofistas no tocante a questão do verdadeiro papel do conhecimento demonstrando em seu método que não é possível ser filósofo, homem devotado à ciência, à vida intelectual, etc. se não possui a compreensão que no ser humano conhecer implica a confissão verdadeira dos seus atos e intenções. Ou seja, conhecer implica no ser que conhece a consciência que o seu agir requer o conhecimento das causas, a compreensão e o domínio dos meios uma vez que suas ações (ser racional, volitivo) implicam sempre em consequências para outrem, sociedade e requerem a responsabilidade de tal agir.

Ser humano (ser racional) implica em ter que filosofar para Sócrates. A atividade filosófica é atividade natural e consciente de todo e qualquer ser humano na medida que ser racional implica em entender, compreender e viver (práxis=ação eticamente

¹⁰ (Latim, Artes Liberais, Direito Romano, Direito Canônico, História, Filosofia etc.).

¹¹ O que dizer de nossa época onde jovens vivem submersos em suas subjetividades auto infladas e portanto, por não terem sido formados para compreenderem a realidade padecem de depressão e aumentam as estatísticas de suicídio em período histórico que se caba de ter legado à humanidade o progresso da ciência e alardeia aos quatro cantos as “conquistas” dos direitos humanos?

consciente). Pode-se dizer de forma objetiva que Sócrates empreende a fórmula da honestidade intelectual, a qual pode ser expressa do seguinte modo: dizer que sabe aquilo que sabe e dizer que não sabe aquilo que não sabe – “Só sei que nada sei”. No entanto, o ignorar e o conhecer implicam sempre no ser humano a responsabilidade no seu agir.

Sócrates imortalizou-se por delinear o verdadeiro caminho do conhecimento no ser humano, assim como, por encarnar o perfil do homem que busca a verdade e ama à sabedoria. A este respeito nos é elucidativa seguinte passagem do Novo Testamento, “pelos frutos os conhecereis” (Mt 7:16) que foi ao longo dos séculos na cultura ocidental absorvida como máxima e critério de observação/avaliação! Platão e Aristóteles são resultados concretos da Paideia socrática e todo o edifício da alta cultura, civilização, ciência ocidental advém de tal árvore. Sócrates então é paradigma de filósofo, homem ético pois compreende que a realidade ontognoseológica do homem deve ser atualizada como uma existência que hierarquiza e atualiza valores, pois ser racional se atualiza no drama existencial da vida na pólis (animal político=ser social).

No entanto a história tem mostrado que o poder de corrupção, alienação, mitificação do conhecimento (rebaixamento ontológico do ser, conhecer, viver) é um fato também constante como anunciaram e pretenderam os sofistas daquela época. Neste sentido Sócrates e sofistas não são apenas personagens históricos, mas símbolos da dialética existencial/social humana. Não podemos ser ingênuos acerca do conhecimento e essa situação dramática já se apresenta na descrição mítica do Gênesis onde se apresenta tal drama representativo da escolha humana e todos os elementos implícitos à natureza do ser e do conhecer no homem. A “escolha de Sofia” tem consequências externas, mas como bem demonstra Sócrates, também e principalmente depende do tipo humano que uma vez educado, formado; deformado, formatado irá agir como “animal político” ser social, cidadão. As suas ações irão interferir cônica ou alienadamente na ordem social em maior ou menor grau.

MITO E FILOSOFIA EM PLATÃO COMO SÍMBOLOS EXPLICATIVOS DO REAL: DIALÉTICIDADE APARÊNCIA-ESSÊNCIA

Assim, em todas as épocas o indivíduo (cidadão, pessoa) será convidado a representar existencialmente o drama de Adão e Eva, Caim e Abel, Sócrates e Sofistas etc. Platão genialmente apresenta-nos esta realidade como forma de investigação filosófica em *A República*: é possível e factível uma sociedade perfeita? Pode o homem por meio de suas ideologias criar uma sociedade perfeita? E numa passagem célebre desta

obra representa tal realidade na Alegoria da caverna demonstrando ontologicamente os aspectos de determinação e liberdade, aparências e substancialidades, o conflito do caráter que se forja nas adversidades e as frivolidades das personas gelatinosas que se adequam ao poder dos sistemas sociais e, ao sabor das ideologias que se ajustam aos mais diversos tipos de personalidades, interesses, gostos, subjetividades etc.

Quem são aquelas personagens, o que significa aquela situação, quais interpretações podemos fazer daqueles símbolos apresentados na caverna e da condição determinada por ela para cada existência particular, assim como, das possibilidades de saída de tal determinação, portanto, liberdade de agir e ser que implica em conhecer? Toda a Tradição ocidental (Filosofia Perene) perpassa por uma reflexão e vivência deste drama existencial que se apresenta como uma vida que não se permite alienar frente a existências que procuram se ajustar e moldar pelo/no sistema (Sócrates x Sofistas). Sócrates representa um tipo humano, uma Paidéia, um caminho, uma possibilidade de ordenamento social. Da mesma forma que os Sofistas também representam uma educação, tipos: humanos, de ordenamento social etc.

Então a querela protagonizada por Sócrates permanece, assim como persistem em todas as épocas os propagadores de “filosofias” pragmáticas, demiurgos de utopias e manipuladores de (re)engenharias sociais (vendedores e artífices do “conhecimento”, manipuladores de “ontologias” possíveis). Estes sofistas (intelectuais, ideólogos etc.) peritos na arte de seduzir, manipular, forjar ilusões, discursar para plateias cada vez mais ávida pelos espetáculos (incautos e ignóbeis) têm trazido consequências cada vez mais drásticas e por vezes trágicas a vidas humanas, comunidades, sociedades e até povos¹². O século XX parece não ter sido contemplado e compreendido devidamente a este respeito, pois a história continua se repetindo como se um demiurgo a manipulasse a seu bel prazer para o palácio demoníaco da tragédia¹³.

A ciência corre então o sério risco de estar a serviço de interesses escusos ou tornar-se discurso ideológico, uma vez que responde a um novo “princípio” maniqueísta de politização dos saberes e fazer humano (liberalismo – socialismos, direita – esquerda, conservador – progressista etc.).

¹² O século XX é testemunha fidedigna de tais “filosofias”, “conhecimentos”, enfim, retrato real do que tais culturas e ideologias são capazes de fazer com inteligência, personalidade, vidas singulares, cultura, nações e povos que se deixam ludibriar por tais “cantos de sereias”. O século XXI ameaça radicalizar tais fatos, fenômenos e consequências uma vez que aprofunda e unifica o que anteriormente se apresentava ao menos aparentemente, como ideologias diametralmente opostas (capitalismo x comunismo).

¹³ A máquina infernal e banalidade do mal tão bem expressa pela filósofa judia Hannah Arendt.

A sociedade de consumo tem pressa em ter o resultado do trabalho científico (não do conhecimento e sua compreensão da realidade – ciência) aplicado na produção em massa de bens de consumo, fabricação de produtos destinados à felicidade alienante, fármacos, drogas, armas nucleares etc. Assim como a cultura relativista do “politicamente correto” procura cercear e formatar os pensamentos de cientistas, intelectuais, profissionais liberais, artistas.

Procura enquadrar ciência, filosofia, teologia, artes, pensamentos, discursos por meio do patrulhamento, checagem, destruição de reputação. Ou seja, a “funcionalidade” e o “bem comum” da humanidade, planeta etc. passam a ser o critério ideológico que move a sociedade e produz a “consciência coletiva”. A ciência (filosofia) deixou de ser um saber desinteressado e os cientistas não mais possuem autonomia, liberdade para a prática do seu exercício. A ciência é hoje resultado do trabalho de equipes numa sociedade com padrões crescentes de distopias¹⁴.

ONTOLOGIA REGIONAL E REDUCTIONISMO

A Ciência Jurídica não está livre desses problemas. Nas Faculdades de Direito os programas incluem matérias que possibilitam “empregabilidade” e “sucesso profissional”, estão elas também voltadas para o mercado de trabalho e/ou ativismos políticos. Tal fenômeno por sua vez, ocasionará para os juristas um esvaziamento, deformação, politização e rebaixamento ontognoseológico do ser do direito que afetará diretamente no exercício de suas funções e visibilidade das instituições democráticas.

Sob a perspectiva do rebaixamento lógico-formal do direito (positivismo) lhes faltará base para julgar leis e sentenças; assim como, uma incapacidade para elaborar monumentos como o Código Civil. Daí que segundo o jusfilósofo Paulo Gusmão em *Filosofia do Direito* (2006, p. 4), “A lei passou a ser para o jurista, formado pelas Universidades pragmáticas – no sentido pejorativo do vocábulo – a autoridade única, o dogma. Não “enxergam um palmo” além dos códigos”.

E o Código é a vontade histórica do Estado ou de maiorias parlamentares, ou interesses de uma elite nacional, globalista e não da sociedade. Sob o julgo de um viés ideológico o direito pode reduzir a atividade de seus laboradores ao ativismo judicial, que torna a mesma uma atividade mais política que jurídica e enquanto tal, denota-a como uma atividade que foge à competência de tais profissionais do Estado Democrático de

¹⁴ Conferir 1984, de Geroge Orwell, *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley.

Direito. Daí o jurista Yves Gandra dizer acerca do desempenho dos ministros do STF: “acho que estão trabalhando como ativismo judicial que não se justifica” [...] “a meu ver eles passaram a invadir competências do Legislativo e Executivo. O que a rigor o Constituinte não pensou”¹⁵ em entrevista ao programa Direto ao ponto da Jovem Pan (31/08/2021).

Felizmente na espécie humana há homens que teimam em não se deixar enquadrar, não sucumbem ao policiamento ideológico e aos relativismos morais que não se contentam em saber o que dispõem as leis, mas desejam como demiurgos atualizarem nova sociedade, valores, Constituintes. Todavia, esses espíritos socráticos como filósofos, cientistas, autodidatas pagam elevado preço para dominar esse saber mais puro rotulado de “acadêmico”¹⁶.

O DIÁLOGO COM A TRADIÇÃO ORIGINÁRIA E O RESGATE DA CIÊNCIA

Não é diferente o cenário na Filosofia que é reduzida à teoria do conhecimento, à filosofia da linguagem, à implemento e justificativa de ideologias político-revolucionárias que gestaram movimentos como: nazismo, fascismo, comunismo¹⁷ ou a imposições de modelo globalista como o neoliberalismo. Tais cenários “filosóficos” distanciam-se em muito da originalidade da Filosofia na medida que se fecham em projetos dogmáticos, relativismos céticos, niilismo, totalitarismos, enfim fuga do real em nome de um mundo imaginário idealizado por mentes distantes do real que não pretendem entender o ser dos entes, mas sim forjá-los a fórceps.

Os modismos “filosóficos” em nada ajudam no mundo atual, visto que neste predomina a irracionalidade ditada pela indústria midiática que serve a interesses de grandes conglomerados econômico-empresariais e do Estado. E somente uma Filosofia fundamentada no real¹⁸, comprometida com a liberdade e a dignidade do ser humano pode fazer frente a tal cenário corrompido que aliena e destrói projetos de vidas.

¹⁵ Cf. *Globalismo e ativismo judicial – Ministério Público, agente de subversão social. Inquérito do fim do mundo, o apagar das luzes do Direito Brasileiro*

¹⁶ Cf. CARPEAUX, O. *A idéia da universidade e a idéia das classes médias*. RJ: Universidade da Cidade, 1999. ORTEGA y GASSET. *A rebelião das massas*. SP: Martins Fontes, 2003. VOEGELIN, E. *Reflexões autobiográficas*. São Paulo: E Realizações, 2007.

¹⁷ Cf. *Heidegger: introdução do nazismo na filosofia*, de Emmanuel Faye. *Marxismo, fascismo e totalitarismo: capítulos na história intelectual do radicalismo*, de A. James Gregor. *Pensadores da nova esquerda*, de Roger Scruton. *Os intelectuais*, de Paul Johnson. *A traição dos intelectuais*, de Julien Benda.

¹⁸ A verdade acerca do real não pode ser encontrada por uma alma de mentira. A justiça não pode ser feita por uma personalidade corrompida e fraca. Eis o embate entre Sócrates e os sofistas e os símbolos ali em questão: existência e verdade, representação e verdade.

Como pensar o homem, a cultura, a sociedade numa época delineada pelo consumismo obsolescência do ser dos entes; uma época manipuladora que inverte não apenas os termos, mas cerceia o sentido substantivo de tudo em que toca, fazendo dos meios fins e destes pura e simplesmente meio.

Nunca foi tão necessário retomar um diálogo sincero e maduro com as nossas fontes originárias. Um retorno que nos leve às perguntas fulcrais sobre o ser das coisas mesmas. Perguntas que funcionam como uma bússola a nos orientar, abrindo caminho por entre o emaranhado de aparências e pseudoconhecimento.

Daí tentarmos entender o que significou para Sócrates-Platão-Aristóteles a sentença: “A filosofia é um amor à sabedoria”. Se existe uma sabedoria não deve ela ser buscada? Qual o significado desta na vida do homem? Quais as suas implicações? Pode o homem viver a completude do seu ser longe daquela (sabedoria)? É possível uma sociedade justa fruto de leis (objetos formais) e não de pessoas justas (possibilidade de atualizar a justiça)?

Com Sócrates, vemos o enunciar dessa magistral sentença: “*Uma vida sem reflexão não vale a pena ser vivida*”. Aqui se percebe um sol a jorrar os seus flashes de luz por sobre o emaranhado de questões e dúvidas quanto ao sentido de ser racional. O conhecimento é o elemento constitutivo deste ente privilegiado. O conhecer no homem eleva-o da condição de simplesmente estar aí como as demais coisas para uma compreensão que seu existir implica em atualizar seu ser. Ser no ente homem é compreender o sentido das coisas existentes (o que, o como, o por que), o sentido do seu próprio ser e existir, assim como, uma percepção insofismável de que há o ser em vez do nada.

Com Platão, aprendemos que: “*Verdade conhecida é verdade obedecida*”. Isso quer dizer que a verdade que você adquire, não somente é um elemento de curiosidade naquele momento, mas um guiamento. A partir do momento em que você descobriu certa coisa, sabe que as coisas são assim, então aquilo é baliza ou ponto de referência que você usará na sua vida e que se incorporará ao direcionamento da sua conduta.

Na Metafísica de Aristóteles em seu Livro I – *A sapiência é conhecimento das causas*, o Estagirita enuncia o seguinte juízo: “*todos os homens, por natureza, tendem ao saber*” ou seja, é da estrutura do ser do homem conhecer, seja este (o conhecimento) interessado ou não. No entanto, a espécie humana, enquanto ente não formado, completo em si necessita do conhecimento para trilhar o seu caminho de ser andante, contemplativo

e sujeito de sua história. Por isso a busca do entendimento, da compreensão do ser de cada coisa (*Episteme*).

Se a verdadeira natureza distintiva do ser humano é a capacidade de conhecer, é somente nela que o ser humano se realiza. Assim, fica claro que todas as vidas que não são voltadas para este objetivo, mas que de algum modo participam dele num nível maior ou menor, são como vidas frustradas, vidas que não chegaram a manifestar plenamente a capacidade humana central.

Sendo a sabedoria o Bem que constitui a vida plena do homem. Por que a grande maioria procura ausentar-se, fugir e até impossibilitar que ela venha se fazer presente no meio dos homens? Essa é uma pergunta que somente o ser humano devotado ao amor desinteressado pelo saber (amor à sabedoria) pode levar a cabo. Atividade esta hercúlea e inglória visto que: o tempo atual busca reconhecimento, status, bens materiais, financeiros, poder, hedonismo. Vivemos numa época em que preponderam ideologias como produtos em prateleiras e suas propagandas povoam nosso imaginário como universo virtual com a falsa pretensão de serem felicidades onipresentes.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2002.

BENDA, J. **A traição dos intelectuais**. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

CARPEAUX, O. **Ensaio reunidos Vol I**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 1999.

CHÂTELET, F. **Uma história da razão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

CARVALHO, O. **Aristóteles em nova perspectiva: introdução à teoria dos quatro discursos**. São Paulo: É Realizações, 2006.

_____, **Edmund Husserl contra o psicologismo**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2020.

COSTA, N. **O conhecimento científico**. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

FAYE, E. **A introdução do nazismo na filosofia sobre os Seminários de 1933-1935**. São Paulo: É Realizações, 2015.

FREYESLEBEN, M. **Globalismo e ativismo judicial – Ministério Público, agente de subversão social**. Londrina, PR, 2020.

GUÉNON, R. **A crise do mundo moderno**. Lisboa: Veja, 1977.

_____, **O Reino da quantidade e os sinais dos tempos**. São Paulo: IRGET, 2014.

GUSMÃO, P. **Filosofia do direito**. São Paulo: Forense, 2006.

GRANGER, G-G. **Por um conhecimento filosófico**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

_____. **A ciência e as ciências**. São Paulo: UNESP, 1994.

HEISENBERG, W. **Filosofia e Física**. São Paulo: Humanidades, 1999.

HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**. Forense universitária, 2012.

_____. **Investigações lógicas: sexta investigação**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Abril Cutural, 1982.

LATOUR, B. **Ciência em ação**. São Paulo: UNESP, 2000.

ORTEGA Y GASSET. **A rebelião das massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Via Leitura, 2021.

PIOVEZAN, C. **Inquérito do fim do mundo, o apagar das luzes do Direito Brasileiro**. Londrina, PR, 2020.

REALE, G. **O saber dos antigos: terapia para os tempos atuais**. São Paulo: Loyola, 1999.

REALE, M. **Filosofia do Direito**. São Paulo: Saraiva, 2002.

_____, **Teoria tridimensional do Direito**. São Paulo: Saraiva, 1994.

SANTOS, M. **A invasão vertical dos bárbaros**. São Paulo: É Realizações, 2012.

SERTILANGES, A-D. **A vida intelectual**. São Paulo: É Realizações: 2010.

SMITH, W. **A sabedoria da antiga cosmologia**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.

_____, **Ciência e mito: com uma resposta a O Grande Projeto de Stephen Hawking**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2014.

STEGMULLER, W. **A filosofia contemporânea**. São Paulo: EPU, 1977.

VOGELIN, E. **Ensaio publicados 1966-1985**. São Paulo: É Realizações, 2019.

_____, **Reflexões autobiográficas**. São Paulo: É Realizações, 2007.

ZUBIRI, X. **Natureza, História, Deus**. São Paulo: É Realizações, 2010.

_____. **Cinco lições de filosofia**. É Realizações, 2012.

WHITEHEAD, A. **A ciência e o mundo moderno**. São Paulo: Paulus, 2006.